

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS**

LUIZA IZABEL CARMINATTI

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO MUNICÍPIO DE ESTEIO**

Jaguarão/Polo Esteio

2021

LUIZA IZABEL CARMINATTI

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DO
MUNICÍPIO DE ESTEIO**

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado ao curso de Letras –
Português da Universidade Federal do
Pampa/Universidade Aberta do Brasil
como requisito parcial para obtenção do
título de licenciada em Letras –
Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Isaphi Marlene
Jardim Alvarez

**Jaguarão
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

C287v Carminatti, Luiza Izabel
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DE
LÍNGUA PORTUGUESA DO MUNICÍPIO DE ESTEIO / Luiza Izabel
Carminatti.
32 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2021.
"Orientação: Isaphi Marlene Jardim Alvarez".

1. Variação linguística . 2. Ensino da Língua Portuguesa.
I. Título.

LUIZA IZABEL CARMINATTI

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA DO
MUNICÍPIO DE ESTEIO**

Trabalho apresentado ao Curso de Letras Português UAB da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 21 de dezembro de 2021.

Banca examinadora:

Profa Dra. Isaphi Marlene Jardim Alvarez
Orientador
UNIPAMPA

Profa. Ma. Alessandra Goulart Davila
UNIPAMPA/UAB

Profa Ma. Lilia Lima Vieira
UNIPAMPA/UAB



Assinado eletronicamente por **ISAPHI MARLENE JARDIM ALVAREZ, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/12/2021, às 08:47, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LILIA DE LIMA VIEIRA, Usuário Externo**, em 22/12/2021, às 18:21, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Alessandra Goulart DAVILA, Usuário Externo**, em 29/12/2021, às 14:30, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0700947** e o código CRC **9D07B089**.

LUIZA IZABEL CARMINATTI

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DO
MUNICÍPIO DE ESTEIO**

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado ao curso de Letras –
Português da Universidade Federal do
Pampa/Universidade Aberta do Brasil
como requisito parcial para obtenção do
título de licenciada em Letras –
Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Isaphi Marlene
Jardim Alvarez

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 21 de dezembro de
2021.

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Isaphi Marlene Jardim Alvarez

Orientadora

Unipampa

Prof^a. Alessandra Goulart Davila

Unipampa

Prof^a. Lilia de Lima Vieira

Unipampa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REVISÃO DE LITERATURA	9
2.1 Variação Linguística: uma área de estudo da Sociolinguística	9
2.2 Variação Linguística: elementos que influenciam na Linguagem	10
2.3 O ensino da língua no contexto escolar e os documentos norteadores do currículo escolar para abordagem das variantes linguísticas	12
4 METODOLOGIA	15
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	18
5.1 Contexto da Prática Docente	18
5.2 Conhecimento do Entrevistado acerca do tema: Variação Linguística	20
5.3 Variações Linguísticas e a prática pedagógica	24
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30
APÊNDICES	31

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE ESTEIO

Luiza Izabel Carminatti¹

RESUMO:

O presente artigo versa sobre a perspectiva dos professores de língua portuguesa do município de Esteio-RS acerca das variações linguísticas em sala de aula. A variação linguística consiste no conjunto das diferentes formas de falar, influenciadas direta ou indiretamente por fatores sociais, culturais, econômicos e individuais, resultantes ou não da interação entre grupos sociais e demais elementos externos. No contexto escolar, a temática da variação linguística pode ser abordada considerando as particularidades da comunidade e dos estudantes, uma vez que a coexistência dessas variações, sem direcionamento pedagógico, pode acarretar em um acentuamento do preconceito linguístico em sala de aula. A presente pesquisa se caracteriza como de abordagem qualitativa na qual foi realizada uma pesquisa bibliográfica com bases em teóricos e reflexões que trazem conceitos e relevâncias da temática. Foram utilizados estudiosos como ALKMIN (2001) BAGNO (2007) e ANTUNES (2003), bem como alguns documentos norteadores da prática pedagógica: Parâmetros Curriculares Nacionais e Base Nacional Comum Curricular. Foi realizado um estudo de caso através de um questionário destinado aos docentes de Língua Portuguesa da rede municipal de educação do município de Esteio-RS, a fim de coletar dados sobre a perspectiva dos profissionais acerca da variação linguística. Ao analisar os dados obtidos no questionário, evidenciou-se que em sua prática os docentes reconhecem a importância do respeito às variações e da promoção do debate sobre o tema, como meio de explorar a linguagem. Também foi analisada a postura dos professores diante de falas com variações em aulas de língua portuguesa, a fim de refletir se sua prática vai ao encontro do que tange o ensino da variação linguística nos autores discutidos e documentos norteadores.

PALAVRAS-CHAVE: variação linguística. prática pedagógica. língua portuguesa.

¹Acadêmico do curso de Letras – Português, da Universidade Federal do Pampa/Universidade Aberta do Brasil, Polo Esteio. Email institucional: carolinerodrigues.aluno@uipampa.edu.br

LANGUAGE VARIATION FROM THE PERSPECTIVE OF TEACHERS IN THE ESTEIO MUNICIPALITY

Luiza Izabel Carminatti²

ABSTRACT:

This article deals with the perspective of Portuguese language teachers in the municipality of Esteio-RS regarding linguistic variations in the classroom. Linguistic variation consists of the set of different ways of speaking, directly or indirectly influenced by social, cultural, economic and individual factors, resulting or not from the interaction between social groups and other external elements. In the school context, the theme of linguistic variation can be approached considering the particularities of the community and students, since the coexistence of these variations, without pedagogical guidance, can lead to an accentuation of linguistic prejudice in the classroom. This research had a qualitative approach in which a bibliographical research was carried out based on theorists and reflections that bring concepts and relevance of the theme. Scholars such as ALKMIN (2001) BAGNO (2007) and ANTUNES (2003) were used, as well as some documents that guide the pedagogical practice: National Curriculum Parameters and Common National Curriculum Base. A field study was carried out through a questionnaire aimed at Portuguese language teachers from the municipal education network in the city of Esteio-RS, in order to collect data on the perspective of professionals on linguistic variation. By analyzing the data obtained from the questionnaire, it was evident that, in their practice, teachers recognize the importance of respecting variations and promoting debate on the topic, as a means of exploring language. It was also analyzed the attitude of teachers in face of lines with variations in Portuguese language classes, in order to reflect if their practice meets what concerns the teaching of linguistic variation in the discussed authors and guiding documents.

KEYWORDS: linguistic variation. pedagogical practice. portuguese language.

²Academic in the Letters course – Portuguese, at the Federal University of Pampa/Open University of Brazil, Polo Esteio. Institutional email: carolinerodrigues.aluno@uipampa.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira é formada pela união de diferentes grupos e isso resulta em uma ampla diversidade de culturas, em que cada indivíduo possui suas peculiaridades e se expressa de acordo com sua formação, o que ocorre principalmente na área da linguagem. A variação linguística consiste na forma como estas diversas “línguas” estão presentes e influenciam no sistema linguístico geral ou único de um país ou região. São diversos fatores regionais, históricos, econômicos e culturais que constituem as diferentes variantes.

No contexto escolar, a temática da variação linguística pode ser abordada considerando as particularidades da comunidade e dos estudantes, uma vez que a coexistência dessas variações, sem direcionamento pedagógico, pode acarretar na ocorrência do preconceito linguístico em sala de aula. Cabe ao professor identificar estas especificidades e buscar o planejamento mais adequado à realidade do ambiente em que irá atuar, principalmente ao realizar o ensino da Língua Portuguesa em suas aulas.

Diante desse cenário desafiador, o papel do professor torna-se imprescindível no combate ao preconceito linguístico. O planejamento pedagógico, alinhado aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e adaptado à realidade da comunidade em que sua prática está inserida, norteiam ações mais assertivas e eficazes para o ensino da língua portuguesa.

Considerando minha experiência como professora de anos iniciais no Município de Esteio, quando iniciei meu trabalho tive um aluno Venezuelano que falava duas línguas, o espanhol e o português, senti muita dificuldade em trabalhar língua portuguesa com o mesmo, me questionava como poderia ensinar sem prejudicar a bagagem que ele possuía. Além de me deparar diariamente com diferentes tipos de variações linguísticas no ambiente escolar e com muitos casos de preconceito linguístico, principalmente durante o ensino da língua, percebi o quanto é necessário um olhar reflexivo para uma prática significativa da norma padrão, seja através de maiores subsídios, estudos ou refletindo e redirecionando o trabalho em sala de aula.

Diante disso, a presente pesquisa foi norteada pela seguinte questão: Como os professores de língua portuguesa do município de Esteio percebem e conduzem a variação linguística nas suas práticas em sala de aula?

O objetivo geral deste estudo foi refletir a respeito da percepção e ação do professor sobre a variação linguística nas aulas de língua portuguesa. Como objetivos específicos: verificar dados bibliográficos que referenciem a variação linguística no ensino da língua portuguesa; identificar diferentes aspectos da visão e ação de docentes diante da variação linguística no ambiente escolar e na sala de aula; reconhecer a importância da ação do professor ao trabalhar as variantes da Língua Portuguesa.

Para realização dos estudos com bases em teóricos e reflexões que trazem conceitos e relevâncias sobre a temática, foram utilizados estudiosos como ALKMIN (2001) BAGNO (2007) e ANTUNES (2003), bem como alguns documentos norteadores da prática pedagógica: Parâmetros Curriculares Nacionais e Base Nacional Comum Curricular. Na primeira parte da pesquisa, serão abordados e discutidos conceitos da sociolinguística, variação, ensino da língua portuguesa em sala de aula e preconceito linguístico, bem como a relevância destes na sociedade e no ambiente escolar.

Para este estudo de abordagem qualitativa foram utilizadas a pesquisa bibliográfica estudo de caso, realizada através de um questionário on-line direcionado aos docentes da língua portuguesa da rede municipal de Esteio-RS. O presente estudo apresenta o referencial teórico sobre os temas: sociolinguística, variação linguística, ensino da língua portuguesa em sala de aula e preconceito linguístico, bem como a relevância destes na sociedade e no ambiente escolar. Apresenta também a metodologia, a discussão dos resultados a partir do questionário realizado, considerações finais e referências.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Variação Linguística: uma área de estudo da Sociolinguística

A variação linguística como objeto de estudo científico, surge em meados das décadas de 50 e 60, nos Estados Unidos, através de discussões acerca da sociolinguística, tendo Willian Labov como um dos pioneiros a desenvolver este tema (FERNANDES, 2014). O conceito de sociolinguística “fixou-se mais precisamente em 1964 após a realização de um congresso organizado pela Universidade da Califórnia em Los Angeles” (ALKMIN, 2001, p. 28). A partir deste momento, diversos estudos surgem relacionando a língua, cultura e sociedade, trazendo reflexões a respeito da sua interação com essas mudanças, culminando no surgimento de uma nova ciência conhecida por Sociolinguística. O estudo das variações linguísticas, ganha novo formato por esta teoria, conforme preceitua Alkmin (2001, p. 32):

Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de *variedades linguísticas*.

Nesse sentido, a variação linguística consiste no conjunto das diferentes formas de falar, influenciadas direta ou indiretamente por fatores sociais, culturais, econômicos e individuais, resultantes ou não da interação entre grupos sociais e demais elementos externos. Ainda conforme afirma Bagno (2007, p.10):

[...] a mudança linguística se mostra, não como fruto do acaso ou mesmo dos movimentos, necessidades e percalços vividos pela comunidade em questão, mas como o desdobramento regular e previsível de uma potencialidade da própria língua.”

Dessa forma, a variação linguística é evidenciada em certo indivíduo ou comunidade, de acordo com a realidade e habitualidade com que a língua é falada. É a linguagem em constante movimento. No item a seguir, será explicitado um estudo da variação a fim de entender os principais fatores que influenciam na construção da linguagem.

2.2 Variação Linguística: elementos que influenciam na Linguagem

A linguagem aqui é considerada a forma que utilizamos para expressar ou comunicar algo, ocorrendo de diferentes formas, sendo utilizada conforme a situação, finalidade e a quem se direciona. Neste sentido, SITYA (1995, p.12), afirma:

Considerando a linguagem como forma de ação entre homens, adentra-se nos campos da persuasão e do convencimento, porque a linguagem como meio de interação social é dotada de intencionalidade; seu fundamento está, pois, na argumentação que procura persuadir e vencer alguém a agir de determinada forma. A par disso, entende-se que a função básica da linguagem é a argumentação, uma vez que o sujeito enunciativo sempre tem em vista persuadir e convencer seu interlocutor.

A teoria variacionista parte de quatro categorias de elementos que serão desenvolvidas e conceituadas nesta pesquisa com fundamento nos estudos de Alkmin (2001), sendo estas: variações temporais, variação geográfica (diatópica), variação social (diastrática) e interação social.

No que tange a categoria temporal, as mudanças históricas configuram o primeiro elemento de variação linguística. Uma vez que a língua é o reflexo de interferências temporais, é natural que “as gerações sucessivas de indivíduos, leguem a seus descendentes o domínio de uma língua em particular” (ALKMIN, 2001, p. 33). Ainda neste sentido Bagno (2007, p. 13):

“[...] a história da língua, entendida como a trajetória dos usos da língua num determinado contexto cultural, se opõem à pura e simples diacronia, ou seja, à sucessão cronológica das formas que configuram o sistema em diferentes momentos. Mas é possível dizer ainda mais: Cada sucessão diacrônica supõem – mas, ao mesmo tempo, esconde – uma história da língua. Isso porque cada mudança se estabelece pelo uso e se dá em meio a intensos e muitas vezes conflituosos movimentos sociais, que no entanto vêm apagados pela série diacrônica de formas que se sucedem.”

A variação geográfica, conhecida também como diatópica, abrange os falantes no espaço físico, bem como suas origens geográficas. Alkmin (2001) em sua obra, exemplifica as variações entre brasileiros e portugueses com aspectos de variação de ordem:

- a) lexical: a exemplo a palavra “trem” que em Portugal se pronuncia “combóio”.
- b) fonético: pronúncia aberta da vogal anterior média como em “prémio” [ˈpremjʊ] contraste com a pronúncia brasileira fechada “prêmio” [ˈpremjʊ].

c) gramatical: “derivações diversas de uma raiz comum, como em ficheiro, paragem, bolseiro, que no Brasil correspondem a fichario, parada e bolsista” (ALKMIN, 2001, p. 34).

No caso do Brasil, devido a sua grande extensão territorial, percebe-se frequentemente a presença das variantes linguísticas, a exemplo do trazido por Alkmin (2001, p. 35) diferenças no plano fonético entre a região nordeste e sudeste, a exemplo a pronuncia das vogais abertas na palavra “melado” [mél'ladu] nos indivíduos originários do nordeste e fechada nos originários do sudeste [me'ladu]. Ainda no plano gramatical, destaca-se a “preferência pela posposição verbal da negação “sei não” (nordeste) e “não sei” (sudeste) (ALKMIN, 2001, p.35).

Por fim, no contexto geográfico, Alkmin (2001) compara aspectos de influência da origem urbana e rural dentro do estado da Bahia, a exemplo a expressão “de primeiro” [di primero], em lugar de “antigamente”, “anteriormente”.

A variação social, também conhecida como diastrática, refere-se ao “conjunto de fatores que tem a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala” (ALKMIN, 2001, p,35). A autora, neste sentido, estabelece os seguintes fatores relacionados à natureza social:

a) classe social: é possível identificar alguns exemplos de falas pertencentes a diferentes grupos sociais. A exemplo, a autora cita o caso de pessoas que se encontram econômica e socialmente em “classes mais baixas”. Nestes grupos, é comum o uso de dupla negação “ninguém viu não” e “eu nem num gosto”, presença de [r] no lugar do [l] resultando em “brusa” (blusa) e “grobo” (globo).

b) idade: a fala varia nesta categoria de acordo com a faixa etária. Comum a percepção deste fator através da utilização de gírias, a exemplo “maneiro”, “esperto” que representam a fala de jovens.

c) sexo: o gênero se apresenta como fator de influência na fala. A exemplo “a duração de vogais como recurso expressivo, como em “maravilhoso”, costuma ocorrer na fala de mulheres”

d) situação e contexto social: tem relação com as mudanças de falas de acordo com os interlocutores (situação) que participam da conversa, segundo o local que se encontram (contexto social). (ALKMIN, 2001, p.36).

Ainda para o autor, é possível identificar constantemente na fala feminina o emprego de diminutivos. Corrobora neste sentido o entendimento de Bagno (2007, p. 13):

A variação sincrônica se explica também pela vida da comunidade linguística: sua distribuição geográfica peculiar, os grupos, camadas ou classes sociais que a conformam, as atividades que geram demandas diversas de expressão e comunicação.

Nesse sentido, o critério de situação e contexto social representa a forma como os falantes adequam seu comportamento linguístico às diferentes situações vivenciadas, possibilitando uma descrição de padrões de determinada sociedade relacionados à utilização das variantes linguísticas. Ainda para Antunes (2003, p.90):

Todas as línguas variam naturalmente, de acordo com as diferentes condições da comunidade e do momento em que é falada. Variam as línguas de comunidades desenvolvidas e variam as línguas de comunidades subdesenvolvidas. Sempre foi assim e sempre será.

Nas palavras de Alkmin (2001, p. 37): “cada grupo social estabelece um contínuo de situações cujos pólos extremos e opostos são representados pela formalidade e informalidade”. São exemplos de situações formais, uma entrevista, defesa de tese, dar informações a um desconhecido, etc. De outra forma, as situações informais são representadas pelos bate papos entre amigos, uma conversa de bar, festas familiares, etc. Por fim, a respeito das variações linguísticas disserta Alkmin (2001, p.37): “devem corresponder às expectativas sociais convencionais”.

Evidenciados os possíveis fatores de natureza social, que segundo a autora influenciam na construção da fala e das variações linguísticas, percebe-se a interação social como a principal via de consolidação da língua.

2.3 O ensino da língua no contexto escolar e os documentos norteadores do currículo escolar para abordagem das variantes linguísticas

Os documentos que norteiam o ensino da Língua Portuguesa nas Escolas de Ensino Fundamental séries finais, descrevem o ensino da língua portuguesa e da variação linguística. Diante disso, o trabalho do professor deve estar contextualizado com base nas diretrizes do Parâmetros Curriculares Nacionais:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. Mais ainda, em uma sociedade como a brasileira, marcada por intensa movimentação de pessoas e intercâmbio cultural constante, o que se identifica é um intenso fenômeno de mescla linguística, isto é, em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades linguísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. (BRASIL, 1998, p. 29)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), também é outro documento norteador que estabelece competências específicas de linguagens para o Ensino Fundamental, iniciando com a seguinte afirmação:

Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais. (BRASIL, 2018, 65)

A BNCC também tem como uma de suas competências para o ensino da língua portuguesa nos anos finais: “Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.” (BRASIL, 2018, 65). Diante disso, o trabalho do professor se torna ainda mais desafiador, porque precisa mediar a interação do ensino-aprendizagem da língua padrão, com o respeito e valorização das variações linguísticas, sem que ocorra o preconceito linguístico nesse processo.

Diversos autores estudam sobre o fenômeno da variação no processo de ensino-aprendizagem. Quando comenta sobre assumir uma nova concepção, que insira a variação em diversas formas de ensino, Bagno (2007, p. 28) afirma:

[...] como tudo que é novo, ela precisa vencer pelo menos dois grandes obstáculos: (1) a resistência das pessoas muito apegadas às concepções antigas e às práticas convencionais do ensino, e (2) a falta de formação adequada das professoras para lidar com todo um conjunto de teorias e

práticas que até então jamais tinham aparecido como objetos e objetivos do ensino de português.

Partindo da premissa de que em meio a um currículo com muitas exigências e metas de aprendizagem, aspectos referentes à variação linguística ficam em segundo plano quando não são abordados de forma insuficiente ou distorcida em sala de aula (Bagno, 2007), é preciso assumir a importância do trabalho com as variações linguísticas junto com o ensino da norma padrão da Língua Portuguesa.

Segundo os PCNs:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (BRASIL, 1998, p.31)

Conforme Antunes (2003, p.41):

“[...] a evidência de que as línguas só existem para promover a interação entre as pessoas nos leva a admitir que somente uma concepção interacionista da linguagem, eminentemente funcional e contextualizada, pode, de forma ampla e legítima, fundamentar um ensino da língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante.”

Nesse sentido, os documentos norteadores da educação brasileira preceituam, de maneira geral, um ensino da língua portuguesa que considere o contexto sociocultural onde se dá a prática docente, respeitando e adequando-se a realidade da comunidade, a fim de tornar efetivamente significativo o processo de ensino aprendizagem.

4 METODOLOGIA

Partindo do objetivo principal deste trabalho, que é o de refletir a respeito da percepção e ação do professor sobre a variação linguística no ensino da língua portuguesa, trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório e abordagem de cunho qualitativo, conforme Gil (2008, p. 27):

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso.

Ainda para Gil (2008, p. 175), sobre a pesquisa e análise qualitativa:

A análise dos dados nas pesquisas experimentais e nos levantamentos é essencialmente quantitativa. O mesmo não ocorre, no entanto, com as pesquisas definidas como estudos de campo, estudos de caso, pesquisa-ação ou pesquisa participante. Nestas, os procedimentos analíticos são principalmente de natureza qualitativa. E, ao contrário do que ocorre nas pesquisas experimentais e levantamentos em que os procedimentos analíticos podem ser definidos previamente, não há fórmulas ou receitas predefinidas para orientar os pesquisadores. Assim, a análise dos dados na pesquisa qualitativa passa a depender muito da capacidade e do estilo do pesquisador.

O procedimento inicial para a coleta de dados foi a realização de uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de trazer dados para a formação da base teórica necessária à compreensão de conceitos essenciais para o desenvolvimento da pesquisa. Segundo Gil (2008, p.50) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”

A pesquisa teve como segunda etapa, ainda para a coleta de dados, a elaboração e aplicação de um questionário com perguntas fechadas de resposta única, formato em que são oferecidas opções e só uma pode ser escolhida, e abertas que permitem ao entrevistado responder de forma espontânea. Este foi organizado com base no levantamento bibliográfico, através do uso da ferramenta “Google Formulários”. O público alvo para aplicação dos formulários foram

professores que ministram a disciplina de Língua Portuguesa nas séries finais do Ensino Fundamental de escolas públicas situadas no Município de Esteio/RS.

Essa etapa buscou investigar, através da vivência pedagógica dos professores, a ocorrência das variações linguísticas nas aulas de língua portuguesa, bem como as estratégias utilizadas pelos docentes para conduzir o tema em sala de aula. Partindo desse pressuposto investigativo, o uso do questionário é ferramenta indispensável para o desenvolvimento da pesquisa:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008 p.121)

Foi elaborado um questionário na plataforma Google Forms direcionado a professores que lecionam ou já lecionaram com a disciplina de Língua Portuguesa, sendo que os participantes ficaram em anonimato. O questionário ficou aberto entre setembro de 2021 e novembro de 2021. O questionário contou com 8 questões, sendo 2 questões de múltipla escolha e 6 questões dissertativas.

As questões do questionário foram divididas em 3 categorias para análise, apresentadas no quadro 1.

Quadro 1: Categorias

CATEGORIA:	QUESTÕES:
1) Contexto da prática docente	1 e 2
2) Conhecimento do Entrevistado acerca do tema	3, 4 ,5 e 6
3) Variações Linguísticas e a prática pedagógica	7 e 8

Fonte: quadro elaborado pela autora

De acordo com a definição apresentada, o questionário estava organizado conforme quadro abaixo:

Quadro 2: Perguntas

Pergunta 1	Ela se localiza em qual região da cidade?
Pergunta 2	Como você descreve a situação socioeconômica desta comunidade escolar?
Pergunta 3	O que você entende sobre variação linguística?
Pergunta 4	Você costuma ouvir falas de alunos com variações linguísticas?
Pergunta 5	O que você acredita ser um fator que influencia algum tipo de variação na fala dos seus alunos?
Pergunta 6	Cite alguns exemplos de variações que você já escutou lecionando aulas de Língua Portuguesa nesta escola:
Pergunta 7	Qual é a sua postura ao se deparar com falas de alunos com variações linguísticas em sala de aula?

Fonte: quadro elaborado pela autora

Na etapa de análise de dados foram utilizadas as informações levantadas na pesquisa bibliográfica como livros, artigos e documentos norteadores do currículo escolar correlacionando a teoria com as respostas dos questionários. Nesse sentido, compreendemos a análise de dados:

A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos (Gil, 2008, p. 156).

Por fim, a análise de dados culminou na identificação dos diferentes aspectos da visão e ação de docentes frente ao fenômeno da variação linguística no ambiente escolar e na sala de aula, no reconhecimento da real importância da ação do professor ao trabalhar as variantes linguísticas a fim de compreender como as práticas pedagógicas, no ensino da língua portuguesa, podem influenciar na redução do preconceito linguístico.

O questionário aplicado teve a participação de um total de 12 docentes de Língua Portuguesa, atuantes na rede municipal de Esteio-RS, em escolas públicas, como respondentes. As respostas foram analisadas através de uma abordagem qualitativa, coletando opiniões dos docentes sobre o tema. Os resultados foram

analizados através de gráficos para as perguntas de caráter objetivo e através de quadros de respostas para as perguntas de caráter dissertativo.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para complementar a pesquisa sobre a percepção dos professores do município de Esteio acerca das variações linguística e responder à pergunta norteadora “Como os professores de língua portuguesa do município de Esteio percebem e conduzem a variação linguística nas suas práticas em sala de aula?” A teoria dialogou com a prática trazendo dados baseados em respostas de docentes, conhecendo sua opinião sobre o tema, buscando identificar as diferentes formas de atuação no seu fazer pedagógico.

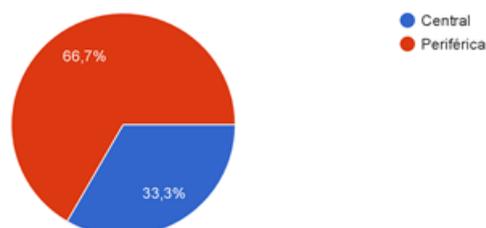
Explicitamos a seguir as respostas obtidas para cada questionamento conforme a categorização proposta na metodologia.

5.1 Contexto da Prática Docente

Para procedermos com a análise das questões da primeira categoria: Contexto da Prática Docente, apresentamos os dados e gráfico da questão 1 e 2. Nesta categoria será representada a realidade descrita pelos docentes acerca do contexto econômico e social que se encontram inseridos. A primeira questão teve como objetivo perguntar sobre a localização geográfica da escola em que o docente atua, com o intuito de saber de forma implícita sobre a comunidade escolar e a situação socioeconômica dessa comunidade em que o participante se insere.

A segunda questão abordava acerca da situação socioeconômica da comunidade escolar do participante apresentada no quadro 3.

GRÁFICO 1: Localização da Escola em que atua o docente



Fonte: gráfico elaborado pela autora

Como é possível observar no gráfico 1, a maior parte dos docentes respondentes, 66,7% (8 professores), atuam em escolas da rede pública municipal localizadas na região periférica, enquanto 33,3% (4 professores) atuam na região central da cidade também em escolas públicas.

Na segunda questão, de caráter dissertativo, foi solicitado aos professores a descrição acerca da situação socioeconômica da comunidade em que atuam. Dos 4 respondentes que marcaram a questão 1 como Região Central, 3 classificaram o contexto socioeconômico da comunidade como Classe Média e 1 como Classe Média Alta. As respostas dos docentes que atuam em região periférica, estão apresentadas no quadro 3.

Quadro 3: Descrição do Contexto Socioeconômico (Região Periférica)

SUJEITO:	RESPOSTA:
S1	É pobre. A escola está localizada dentro de uma comunidade carente.
S2	Alguns alunos que residem na Vila Pedreira possuem uma situação muito difícil socioeconômica.
S3	Inserida em um bairro na divisa do município, às margens de uma rodovia estadual. Grande parte do grupo escolar advém de situação econômica desfavorável.
S4	A maioria dos alunos participam de programas assistenciais/ sociais, são carentes, considerados baixa renda.
S5	Diversidade socioeconômica.

Fonte: quadro elaborado pela autora.

O quadro 3 destaca uma fala dos profissionais inseridos em comunidades periféricas sobre a realidade socioeconômica dessas comunidades. A fala destes profissionais, especificamente, representa uma característica apresentada por Alkmin (2011) oriundas da “situação e contexto social”. Nesse sentido, entende-se que a localização da escola, bem como o contexto socioeconômico pode influenciar diretamente na variação linguística dos falantes. Identifica-se desta forma que maior

parte dos respondentes tem sua prática docente inserida em um contexto geograficamente periférico e socioeconomicamente vulnerável.

5.2 Conhecimento do Entrevistado acerca do tema: Variação Linguística

Na presente categoria buscou-se identificar de modo geral a percepção dos docentes acerca do fenômeno da variação linguística, desde seu entendimento ou modo como conceitua o tema, até mesmo as evidências em sala de aula de sua ocorrência. Diante disso são analisadas as questões 3, 4, 5 e 6 que se apresentam de forma dissertativa e na forma objetiva.

A terceira questão, de forma dissertativa busca apresentar o entendimento dos docentes acerca do tema da pesquisa, evidenciando o que os profissionais “entendem por variação linguística”, respostas apresentadas pelo quadro 4.

Quadro 4: Entendimento dos professores acerca do tema da pesquisa: Variação Linguística

SUJEITO:	RESPOSTA:
S1	Um movimento natural da língua de acordo com os fatores culturais e históricos dos sujeitos.
S2	É a variedade linguística de cada região, a forma de falar, o vernáculo do próprio lugar.
S3	São diferenças na oralidade e na escrita, muitas vezes não correspondem as normas gramaticais.
S4	Entendo a variação linguística, como um movimento natural da língua, que se articula de acordo com as características sociais e culturais do indivíduo.
S5	São as diversidades dos falantes de uma língua em relação ao seu habitat, cultura, etc.
S6	Diferentes formas de falar uma língua, que variam de acordo com região e culturas
S7	Variação linguística compreende múltiplos fatores expressados na comunicação verbal e escrita influenciados pela cultura, avanço tecnológico, situação econômica e social, faixa etária, entre outros
S8	Maneira de comunicação diferente da norma padrão da língua

S9	É uma expressão que respeita a situação econômica, a história e a cultura do indivíduo.
-----------	---

Fonte: quadro elaborado pela autora.

Percebe-se num sentido geral que os docentes associam a variação linguística a um movimento multifatorial que engloba desde o contexto social, histórico e cultural do falante, até mesmo a regionalidade e situação econômica. Esta percepção, segundo Alkmin (2001), faz referência a variação social diastrática, onde estabelecem-se como fatores de natureza social da língua a classe social, idade, sexo e situação e contexto social, e também a diatópica, que leva em consideração o contexto geográfico em que os falantes estão inseridos.

Há ainda uma percepção na fala de S3 e S8, deste fenômeno estar atrelado a divergências entre a oralidade e escrita, relacionadas com expressões que fogem da “norma padrão da língua”. Nas palavras de Antunes (2003, p.42): “a chamada norma padrão objeto de análise na escola deve ter como parâmetro os usos próprios do Brasil, nos diferentes contextos de funcionamento da língua”.

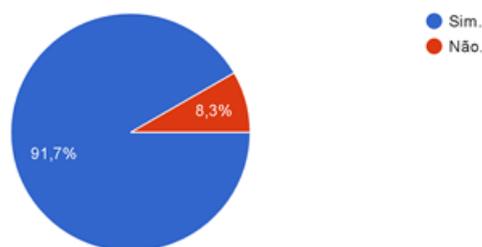
Uma vez que verificamos o que preceituam os PCNs acerca da competência linguística:

Competência linguística refere-se aos saberes que o falante/intérprete possui sobre a língua de sua comunidade e utiliza para construção das expressões que compõem os seus textos, orais e escritos, formais ou informais, independentemente de norma padrão, escolar ou culta. (BRASIL, 1998, p. 23)

Dessa forma, a fala dos docentes reflete o viés da necessidade de uma prática direcionada à realidade da comunidade, que diferencie a competência linguística do ensino da norma padrão, englobando o ensino da variação linguística como modo de significar a aprendizagem. Na questão 4, foi perguntado aos docentes de forma objetiva: Você costuma ouvir falas de alunos com variações linguísticas?.

Os resultados seguem apresentados no gráfico 2.

GRÁFICO 2: Ocorrência da Variação linguística em sala de aula



Fonte: gráfico elaborado pela autora

Cerca de 11 (91,7%) dos 12 respondentes informaram já terem ouvido falas de alunos com variação linguística em sala de aula. A questão dissertativa 5 foi um espaço para que os educadores pudessem acrescentar algo a mais sobre os possíveis fatores que, em sua percepção, influenciam na ocorrência da variação linguística em sala de aula, a fim de identificar algum outro novo fator não explicitado anteriormente, as respostas estão descritas no quadro 5.

Quadro 5: Fatores que influenciam na variação dos alunos

SUJEITO:	RESPOSTA:
S1	A troca de idiomas entre o espanhol e o português e o sotaque dos gaúchos.
S2	Certamente o meio familiar.
S3	Social, econômica e regional.
S4	Eles costumam falar como escutam seus familiares falarem.
S5	Acredito que o exemplo dos pais influenciam muito, bem como as questões culturais, como a música, entre outras.
S6	Mídia.
S7	Dificuldades na pronúncia e ser de outro estado.
S8	Dificuldades na fala, dialeto regional e culturais.
S9	Tecnologia, ambiente familiar em que está inserido, contexto social.
S10	Infelizmente o tráfico de drogas é presente na comunidade, desta forma o vocabulário , os comportamentos , as posturas são" absorvidas" por eles.
S11	A cultura em que está inserido.
S12	Hoje em dia, o que mais influencia o comportamento dos alunos são as redes sociais.

Fonte: quadro elaborado pela autora

Assim, é possível perceber que os docentes atrelam os falares ao meio em que os alunos estão inseridos, conforme as falas dos sujeitos S2 e S4, por exemplo. Ao mesmo tempo, é perceptível nas respostas dadas pelos docentes o aspecto do preconceito sobre esses falares, uma vez que eles mencionam o fato de os alunos apresentarem dificuldades na pronúncia, dificuldades na fala, como percebemos nas respostas explícitas dos sujeitos S7 e S8.

Ou seja, neste trabalho não nos deteremos em uma análise mais aprofundada sobre o aspecto atitudinal (linguisticamente falando) desse professor em relação ao seu aluno, que segundo ele, apresenta dificuldades na pronúncia ou na fala, mas cabe a interrogação, que dificuldades seriam essas? Seriam de âmbito fonético ou o professor se refere a um falante que diz “nóis” no lugar de “nós”, “cheguemo” ao invés de “chegamos”?

São interrogações que não responderemos no momento, mas que suscitam e conduzem a uma interpretação de que as respostas podem revelar uma situação explícita de preconceito linguístico.

A questão dissertativa 6, complementa a resposta à pergunta anterior, através da identificação das formas em que as variações linguísticas se apresentam no cotidiano da prática docente. Foi incitado aos respondentes que citassem exemplos de variações que eles já escutaram lecionando aulas de Língua Portuguesa nesta escola. As respostas estão no quadro 6.

Quadro 6: Situações práticas da Variação Linguística em Sala de Aula

SUJEITO:	RESPOSTA:
S1	Sim, em nossa escola há alunos que falam espanhol e a língua está variando bastante pois os alunos brasileiros estão falando como os venezuelano. pepitas, queixada, passito, gafo, filo, carajito.
S2	Nóis, orgurte, gírias.
S3	Aluna cearense usa outra forma de falar
S4	Uso da Internet e redes sociais influenciam expressões como crush, cringe, Zap... em contraponto com expressões como "pá", "é us guri", "tamo juntú", "oxiiii", "veiu", "como assim tiozão?" que refletem em minha opinião a

	interação da tecnologia, YouTube, tiktok, e outros nas formas de comunicação
S5	Leciono língua Espanhola. Os alunos falam a linguagem do meio em que vivem, o que torna difícil trabalhar algumas traduções do espanhol para o português, mas o que ouço sempre é: "E aí cupincha!"; "Hoje vamu tramp'a"; "essa guria são tudo cachorra"; " Que que eu queru cuma língua assim, se num sei nem purtugueis", etc....
S6	Alguns alunos imitam falas de outros locais. Na minha turma a expressão "Oxe" está bem presente.
S7	Cheguemo, fizemo, peguemo

Fonte: quadro elaborado pela autora.

Num sentido geral, observando os exemplos citados pelos docentes, é possível identificar situações em que a variação linguística está associada a fatores regionais e culturais, próprios do contexto socioeconômico e cultural da comunidade em que a prática pedagógica está inserida. Para Bagno (2007, p. 47):

Uma variedade linguística é um dos “muitos modos de falar” uma língua. Como já vimos, esses diferentes modos de falar se correlacionam com fatores sociais como lugar de origem, idade, sexo, classe social, grau de instrução, etc.”

Percebe-se nas falas de S2, S4, S5 e S7 novamente uma associação da variação linguística e divergências entre oralidade e escrita. Neste sentido, Bagno (2007) aponta para uma problemática da percepção do tema pelos docentes: “a variação linguística ou fica em segundo plano na prática docente ou é abordada de maneira insuficiente, superficial, quando não distorcida.” (BAGNO, 2007, p. 29). Ainda para o autor:

Por causa da mudança na concepção do ensino da língua, a variação linguística, como objeto de ensino, veio para ficar. Daí a necessidade de se conhecer o fenômeno da variação com base em conceitos bem definidos e sistematizados.

Nesse sentido, cabe ao docente perceber a variação linguística em um sentido mais amplo, para além das diferenças gramaticais. A fala de S1, S3, S5 e S6 reflete o aspecto diatópico apontado por Alkmin (2001), influenciado pelo contexto

geográfico. Isso ocorre devido à comparação entre os modos de falar de lugares diferentes” (BAGNO, 2007, p. 46).

Importante destacar também a fala de S4 correlacionando a variação linguística à influência das redes sociais e do advento tecnológico, refletindo a percepção do docente que Antunes (2003) denomina como “movimentos naturais da língua”. Para Antunes (2003, p.89): “Em suma, se os falantes se subordinam à gramática da língua, para se fazerem entender socialmente, não deixam, contudo, de comandá-la, já que são eles que decidem o que fica e o que entra de novo e de diferente”.

Em relação à percepção acerca do tema variação linguística, a maioria dos respondentes apresenta ter conhecimento sobre o fenômeno e relaciona conceitualmente às variações sociais (diatráticas) e geográficas (diatópicas), que implicam em diferenças nas formas de expressão verbal e escrita, associadas por alguns respondentes a divergências em relação à “norma padrão da língua”.

5.3 Variações Linguísticas e a prática pedagógica

A última categoria de análise abrange as questões 7 e 8. As questões se apresentam de forma dissertativa indagando aos docentes questões relativas à prática pedagógica.

Na questão dissertativa 7 foi perguntado sobre a postura e abordagem do professor frente às variações linguísticas. As respostas estão apresentadas no quadro 7.

Quadro 7: Postura do docente em sala de aula frente às falas

SUJEITO:	RESPOSTA:
S1	Esta é uma realidade precisamos respeitar o que o aluno traz em sua fala. É sempre algo novo e é preciso estarmos atentos para esta língua viva.
S2	Se estamos em contexto de aula realizo uma observação, com muito cuidado e respeito.

S3	Dependendo da fala pode sim gerar um debate, até porque algumas gírias dos alunos são comuns à todos, é interessante abordar os sentidos que eles atribuem.
S4	Eu respeito a forma como os alunos e responsáveis se comunicam.
S5	Procuro mostrar a fala correta, mas sem menosprezar meus alunos.
S6	Procuro explorar junto do grande grupo pra que conheçam e respeitem.
S7	Observação e análise, após intervenção na correção e uso do dicionário. Assim, mostrando a forma correta na fala e na escrita, de modo que os alunos possam aprender de forma correta a língua portuguesa.
S8	Procuro compreender a origem da expressão e debater a respeito em sala de aula na ocasião.
S9	Explico que quando falamos não há problema não estar dentro da norma padrão, mas na escrita devemos escrever conforme as regras que aprendemos. Explico que nem todas as pessoas entenderão um texto com gírias.
S10	Brincamos com a língua. Refletimos sobre as expressões características de algum local.

Fonte: quadro elaborado pela autora

Ainda sobre a questão seis, a questão 7 a complementa solicitando para que os respondentes acrescentem sobre sua postura diante de situações em que ocorrem as variações linguísticas na prática pedagógica, descritas no quadro 8.

Quadro 8: Você acredita que o professor deve “corrigir” um aluno que não fala conforme a língua padrão?

SUJEITO:	RESPOSTA:
S1	Claro que não! O aluno traz sua realidade linguística o vernáculo de sua comunidade. É necessário apresentar a língua padrão e não criticar a linguagem do aluno.
S2	Devemos apresentar a norma padrão e no momento da escrita deve ser a orientação.
S3	Acredito que o professor deva mostrar que existe outra forma de falar, e principalmente escrever.
S4	Depende, cada caso é um caso. Há alunos que tem dificuldades na fala, O professor como mediador do processo ensino- aprendizagem, tem que estar

	atento as diversidades, peculiaridades e dificuldades dos alunos, e com isso, verificar as diferenças de cada um auxiliando- os, para que consigam aprender da melhor forma possível a língua padrão.
S5	Não, porém buscar compreender o que a expressão significa para o aluno e aproveitar o momento para promover o debate acerca da língua
S6	Na fala não, mas na escrita acredito que é necessário mostrar que , nem todas as pessoas entenderão algumas palavras que eles utilizam. Eu, por exemplo, muitas vezes não compreendo algumas palavras.
S7	Na fala não, pois faz parte da sua cultura e do meio em que vive. Mas é importante ele saber que existe outras formas de expressão.

Fonte: quadro elaborado pela autora

Percebe-se na fala de grande maioria dos docentes a compreensão do fenômeno da variação linguística como uma oportunidade de promover o debate coletivo acerca do tema, estimulando a percepção da oralidade e escrita em um contexto de constante transformação da língua. Para Antunes (2003, p. 104):

A atividade receptiva de quem escuta o discurso do outro é uma atividade de participação, de cooperação em vista da própria natureza interativa da linguagem. Não há interação se não há ouvinte. Nas atividades em sala de aula, o professor bem que poderia desenvolver nos alunos a competência para saber ouvir o outro, escutar, com atenção, o que ele tem a dizer.

A BNCC traz que o estudo da variação linguística deve englobar as seguintes habilidades:

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

(BRASIL, 2018, p.161)

Neste sentido preceituam também os PCNs acerca do ensino das variações linguísticas:

É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. Para isso, o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística

e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa. (BRASIL, 1998, p.82)

Cabe ressaltar também que as falas exprimem uma preocupação do docente em respeitar a variação linguística e oportunizar o aprendizado da língua padrão estimulando o aluno num sentido oral e escrito. Para Antunes (2003, p. 100):

Tanto a fala quanto a escrita podem variar, podem estar mais planejadas ou menos planejadas, podem estar mais, ou menos, “cuidadas” em relação à norma padrão, podem ser mais ou menos formais pois ambas são igualmente dependentes de seus contextos de uso.

O estudo da variação enquanto campo de conhecimento linguístico, segundo preceitua a BNCC deve partir dos seguintes pressupostos :

Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos. Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica. (BRASIL, 2018, p. 82)

Percebe-se nas falas que a grande maioria acredita que a fala do aluno não deva ser corrigida, mas sim respeitada, porém sua escrita sim, evidenciando uma dicotomia existente entre oralidade e escrita na visão do professor para o ensino da língua. Neste sentido preceitua Antunes (2003, p. 104):

Lamentavelmente, algumas vezes essas produções aparecem na sala de aula apenas como pretexto para que sejam convertidas na norma padrão da língua. Perde-se assim o seu valor como forma de expressão oral dos valores culturais de uma comunidade, além de se passar sutilmente a ideia de que seu padrão linguístico deve ser evitado.

Em um sentido mais amplo, Antunes (2003, p.104) em sua fala acima destacada faz alusão “a uma oralidade que inclua momentos de apreciação das realizações estéticas próprias da literatura improvisada”. Ou seja, o debate da variação linguística deve promover o aprendizado globalizado através da análise multifatorial contextualizada dos elementos da fala. Nesse sentido:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa - dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem. (PCNs, 1998, p. 31)

Conclui-se na análise desta categoria que o ensino das variações linguísticas, no que tange a percepção da prática pedagógica dos professores de língua portuguesa apresenta uma diversidade de opiniões. Ao mesmo tempo em que há uma fala geral no sentido de respeito e relevância do tema, ainda é marcante um olhar que prioriza o ensino e adequação à norma padrão, que diverge do que preceituam os documentos norteadores da prática docente. Ainda, a teoria apresenta a importância do trabalho com as variações linguísticas com a finalidade a que o discurso se direciona.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada teve como objetivo geral refletir a respeito da percepção e ação do professor sobre a variação linguística nas aulas de língua portuguesa. Para isto, foram realizadas pesquisas bibliográficas coletando dados acerca da variação linguística e um questionário com professores de Língua Portuguesa do município de Esteio-RS buscando sua opinião e conhecimento sobre o assunto.

O ensino da variação linguística num contexto de prática escolar engloba diversas realidades, uma vez que a língua se constitui de múltiplas falas e interações sociais. Em uma mesma comunidade coabitam inúmeras identidades de falantes. Do mesmo modo, em uma sala de aula, o docente depara-se com diferentes expressões de uma cultura linguística, sejam elas individuais ou coletivas, que se assemelham ou divergem entre si, que passam despercebidas ou destacam-se.

Identificou-se no presente estudo, através das falas dos docentes, que é frequente a incidência das variações linguísticas em sala de aula. Na presente pesquisa, a maioria dos professores ministra aulas em escolas localizadas em regiões periféricas, com grande parte do público de classe socioeconomicamente vulnerável.

Evidenciou-se que em sua prática os docentes reconhecem a importância do respeito às variações e da promoção do debate sobre o tema, como meio de explorar a linguagem. No entanto, percebem-se falas no sentido de associar as variantes à forma escrita, bem como fazê-las adequarem-se à norma padrão. Por fim, entende-se que esta postura, de forma isolada, diverge do que preceitua a teoria e os documentos norteadores do ensino da língua portuguesa.

Quando o docente percebe a importância de abordar a variação linguística em sala de aula, passa a compreender que a linguagem seja escrita ou falada, parte de uma finalidade, ou seja, uma mensagem que precisa ser passada. Dessa forma, é muito mais relevante que o professor leve seus alunos a refletirem sobre essa mensagem, considerando e valorizando as variações que surgem ao longo do processo.

Assim, cabe à escola e ao professor direcionar esse trabalho de maneira que as “regras”, sejam elas gramaticais ou estruturais, surjam de forma em que ocorre o processo de ensino-aprendizagem respeitando e valorizando os objetivos sociais e comunicativos das expressões utilizadas pelos alunos. O educador tem o papel de instigar os estudantes a selecionarem os elementos que estejam de acordo com a finalidade de seu discurso, os levando a refletir sobre os objetivos que deseja alcançar com este.

Para estudos futuros, pretende-se, juntamente com os docentes, analisar os planejamentos pedagógicos (planos de trabalho) desenvolvidos, bem como as metodologias de ensino sobre a variação linguística. Ou, ainda, investigar quais as competências e habilidades previstas pelos documentos norteadores e a forma como são implementadas nas aulas de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, Tânia Maria. **Sociolinguística**. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Coord.). *Introdução a Linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p.21 - 47.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso – Por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007. 240p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: 6.^a a 9.^a série – Introdução**. Brasília: MEC/SEF, 1998, v. 2. p.26 – 29.

FERNANDES, Isabele de Lima. **Variação linguística no contexto escolar: um estudo de caso no município de Cuitegí-PB**. Guarabira: 2014. 24p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SITYA, Celestina Vitória Moraes. **A linguística textual e a análise do discurso: uma abordagem interdisciplinar**. Rio Grande do Sul: Ed. da URI, 1995.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO ONLINE PARA DOCENTES DE LETRAS DA REDE MUNICIPAL DE ESTEIO

Sou Luiza Izabel Carminatti, estudante concluinte do curso de Letras Português da Universidade Federal dos Pampas – UNIPAMPA, no Polo UAB de Esteio. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para que as informações deste questionário possam ser utilizadas no desenvolvimento da pesquisa, é necessário que estejas de acordo com as informações do Termo de Consentimento apresentadas abaixo:

Autorizo o uso de dados gerados a partir de questionário, para a realização de pesquisa desenvolvida pela discente Luiza Izabel Carminatti, do Curso de Letras Portugues/UAB da Universidade Federal do Pampa, na área de variação e ensino de língua materna. Esta pesquisa tem a finalidade de coletar dados para uma reflexão pretendida pelo meu trabalho de conclusão de curso que tem como temática “a percepção e ação do professor sobre o ensino da variação linguística e da norma padrão nas aulas de língua portuguesa”, orientado pela Profa. Dra. Isaphi Marlene Jardim Alvarez. Sua participação é muito importante. Obrigada por se dispor a responder.

- 1) Ela se localiza em qual região da cidade?
- 2) Como você descreve a situação socioeconômica desta comunidade escolar?
- 3) O que você entende sobre variação linguística?
- 4) Você costuma ouvir falas de alunos com variações linguísticas?
- 5) O que você acredita ser um fator que influencia algum tipo de variação na fala dos seus alunos?
- 6) Cite alguns exemplos de variações que você já escutou lecionando aulas de Língua Portuguesa nesta escola:
- 7) Qual é a sua postura ao se deparar com falas de alunos com variações linguísticas em sala de aula?

8) Você acredita que o professor deve “corrigir” um aluno que não fala conforme a língua padrão?